

**Aos Editores,**

Parabenizando os editores pelas últimas medidas tomadas, está em andamento mais uma batalha, a tentativa de indexar a revista **Radiologia Brasileira (RB)** no PubMed (banco de dados da *National Library of Medicine*, disponível na internet e que permite obter orientação bibliográfica das melhores revistas médicas indexadas, correspondendo ao *Index Medicus on line* e que pode ser encontrado no site [www.pubmed.gov](http://www.pubmed.gov)). Batalha que depende de vários fatores, alguns difíceis. Mas pelo menos um deles nós podemos combater.

Buscando no *site* da SciELO (*Scientific Electronic Library Online*, banco de dados das revistas científicas brasileiras e da América Latina, que tem critérios rigorosos de inclusão em sua indexação e que tem no momento 165 periódicos listados), pude verificar os índices de impacto e fiquei muito preocupado com alguns detalhes. O número de citações da própria revista é pequeno, assustadoramente baixo. Os autores brasileiros praticamente ignoram as revistas nacionais, só citam as "grandes" internacionais e, com isso, depreciam a produção nacional, que tem gabarito para ser indexada em qualquer nível. Se nós mesmos não nos citamos, não nos valorizamos, como podemos querer ser citados, valorizados, e ter um fator de impacto elevado?

O fator de impacto, que é o critério mais usado atualmente para avaliar o peso de uma revista na comunidade científica, é um indicador criado pela *Thomson Scientific*, também conhecida como *Thomson ISI* ou simplesmente *ISI*, que originou o *JCR - Journal Citation Reports* - que calcula, a partir do número de citações e artigos publicados, seu impacto na comunidade científica.

O "fator de impacto" da nossa **RB** na SciELO - para o ano de 2005 e seguindo os mesmos critérios do *JCR* - foi calculado em 0,0738. Pelos dados da SciELO, publicamos 149 artigos e fomos citados apenas 11 vezes, mas concedemos 1.250 citações em 2004 e 1.178 em 2003. Neste ano de 2006 já foram publicados 41 artigos, com 834 referências concedidas, sendo 17 da **RB**. A **Radiology**, com fator de impacto internacional, no *JCR*, de 5,377, teve 862 artigos e 4.635 citações no mesmo período.

Mas o problema não é apenas nosso. As revistas da SciELO com maior fator de impacto (impacto medido na SciELO) têm 0,2500 e 0,2494. Ou seja, o problema é generalizado. A revista brasileira de maior fator de impacto internacional não é de Medicina, obtendo 305 citações para 278 artigos publicados, ou seja, um fator de impacto no

*JCR* de 1,097. Não custa lembrar que são apenas 17 as revistas científicas brasileiras neste indexador, o *ISI*.

Outro fator que me parece importante é lembrar que, para a avaliação dos programas de pós-graduação da CAPES, foram definidos critérios e qualificações de avaliação das revistas onde os trabalhos são publicados. Publicações nacionais ou internacionais, divididas em três categorias: Qualis nacional A, B ou C e internacional A, B ou C. Qualis A nacional é a revista indexada na SciELO. Qualis B nacional é a revista indexada em outros indexadores, sendo o mais conhecido o LILACS. Nacional C é a revista não indexada. As revistas internacionais indexadas no *ISI* são consideradas A ou B, as revistas indexadas no PubMed e não listadas no *ISI* são consideradas Qualis C internacional e têm o mesmo peso científico que uma publicação nacional A.

Para consideração da avaliação da CAPES, pelo menos na área de Medicina II, na qual a Radiologia está incluída, só são consideradas revista Qualis A ou B nacional, ou internacionais. Programas com publicações internacionais têm maior conceito, podendo chegar ao 7, pois existem critérios definidos para isso. Por exemplo, para um programa de pós-graduação obter o conceito 5, além de outros critérios técnicos e educacionais, 80% dos professores devem ter pelo menos três artigos publicados no triênio, sendo pelo menos um em periódico indexado no *ISI* e os outros dois em A nacional ou internacional C. E quem publica sabe da dificuldade de se publicar em revistas internacionais, começando pela barreira do idioma, quase sempre o inglês, que em sua norma culta não é tão simples.

Na minha opinião, e por isso estou redigindo este texto de opinião, a grande meta que a **RB** tem que alcançar é a indexação no *ISI*, pois qualquer revista ali indexada é Qualis A ou B internacional. Este sim será o grande pulo a ser dado e que colocará os programas de pós-graduação em Radiologia nos níveis mais altos. Nossos artigos terão peso maior e, com a medida tomada pela **RB** de traduzir integralmente a versão *on-line* para o inglês (já disponível desde o segundo fascículo deste ano), e agora com o sistema de submissão *on-line*, creio que passaremos a ter até fluxo internacional de artigos para nossa revista. Desde que esteja no *JCR-ISI*.

Certamente a indexação no PubMed/*Index Medicus* dará visibilidade aos artigos e aos autores brasileiros, por ser o maior meio de divulgação da arte médica, mas para a CAPES e seus critérios de avaliação, isso não importa. A **RB**, onde publicamos a maioria dos nossos trabalhos,

indexada no PubMed ou na SciELO, terá o mesmo peso na hora da avaliação trienal que está por terminar (triênio 2004-2006). O que importa é o Qualis por ela definido. Na nossa área, Medicina II, o peso maior é dos artigos publicados em revista indexadas no JCR-ISI.

Um programa de pós-graduação de conceito 6 deve ter, entre outras exigências, 80% dos professores com pelo menos quatro artigos em periódicos Qualis A ou B internacional, sendo pelo menos um Qualis A. Creio ser essa a meta de momento dos nossos três programas de pós-graduação em Radiologia.

É preciso incentivar os autores de artigos nacionais a buscarem a inserção de referências das nossas revistas. E aqueles que publicam em revistas internacionais devem também inserir nossas referências para que, quando formos indexados no JCR-ISI, entremos com o pé direito e com fator de impacto elevado. E isso não é difícil. Muitos dos nossos especialistas já conseguem publicar em revistas internacionais com relativa facilidade. Esses devem abrir a porteira. Imagino que, se uma revista começa a ser citada com frequência nos artigos listados nos indexadores internacionais, deve ser mais fácil conseguir entrar nesse mesmo indexador.

Portanto, autores brasileiros, citemo-nos. Não custará tanto tempo checar a **RB**, seus últimos cinco anos estão integralmente disponíveis *online*, na SciELO, e referir artigos correlatos ao tema.

Vamos juntar forças e fazer da nossa **RB** a mais importante, a mais citada revista médica da SciELO. Só depende de nós.

*Antonio Carlos Pires Carvalho*

Professor Adjunto do Departamento de Radiologia  
da Universidade Federal do Rio de Janeiro

### **Caros amigos,**

Permitam-me sugerir a possível incorreção a respeito do artigo "Biópsia pulmonar percutânea guiada por tomografia computadorizada: dados de um hospital" (vol. 39, nº 4, pág. 277-282).

No segundo parágrafo da página 279, acredito que poderia ser incluído: "o número de lesões neoplásicas **malignas...**". Outro dado é que a soma dos percentuais não chega a 100%. Acredito que os percentuais deveriam ser: malignas, 76,19%; benignas, 8,33%; inespecíficas/inconclusivas, 15,48%.

Atenciosamente,

*Dr. Gilberto Luiz Carvalho Ferraz*

Radiologista, Membro Titular do CBR

Prezado Dr. Gilberto Luiz Carvalho Ferraz,

Considero adequadas as sugestões a respeito do trabalho "Biópsia pulmonar percutânea guiada por tomografia computadorizada: dados de um hospital", publicado no número anterior desta revista [Radiol Bras 2006;39(4): 277-282].

Acredito que houve erro no cálculo final das porcentagens dos achados histopatológicos, devendo ser modificadas para: malignas, 76,19%; benignas, 8,33%; inespecíficas/inconclusivas, 15,48%. Também concordo que o número total de neoplasias malignas deveria ter sido citado na página 279, segundo parágrafo, o qual é de 128.

Grato pelas sugestões e colaboração, as quais valorizam o nosso trabalho e possibilitam novas reflexões.

Atenciosamente,

*Dr. Olger de Souza Tornin*

Autor